

A memória de 700x7

700x7 é a viagem sobre um lugar, o Mosteiro de Santa Clara, onde o tempo se arrasta numa duplicidade de sentimentos: resistência e destruição. A ocupação desse lugar foi mudando ao longo dos anos, originalmente foi a casa de freiras Franciscanas, posteriormente foi ocupado pelos Serviços do Tribunal e, mais tarde, residência de jovens rapazes que aprendiam um ofício. O olhar dos sete fotógrafos, neste espaço que o passado e o futuro tornaram intemporal, apropria-se do lugar e constrói, através das imagens, uma narrativa preenchida pela memória, pela história, e pela criação de passos e tempos distintos capazes de ler de outro modo o que se vê.

A fotografia e o documento fotográfico pretendem que o tempo se arraste num presente medido e multiplicado em momentos pré-definidos, um presente perpétuo que acompanhará a memória futura do lugar, onde a estética, a técnica e a contemplação dão corpo a frases visuais que alinham a narrativa na voz visual de cada um dos fotógrafos. Imagens identitárias, relacionais, onde o registo de memórias se mede pelos arquétipos de todos os homens e de todos os tempos; imagens que são também a história da fotografia a instalar-se no presente e que interferem no exercício da memória. Estas imagens em 700x7 interferem na fruição da nossa memória, viajam com o tempo, com o real, com os espaços, os símbolos, os sujeitos e anunciam o que as nossas expectativas sempre reclamam, mesmo que de tal não tenham consciência e apenas conheçam vendo. E nisto se multiplicam os símbolos as leis da associação

sobre a tomada de vista da realidade possível – realidade que a fotografia forja e não revela. O signo ganha, desta forma, um estatuto maior e a imagem fotográfica cria a inquietação: o jogo das sombras e da luz plena. Estas imagens, à deriva de todos os meta discursos, têm tanto de espontâneo como de erudito, falam de nós, falam deste Mosteiro que se quer diferente e dificilmente abordável através da sua cidade.

Estas imagens usam a vivacidade dos nossos destinos mal definidos, a procura constante, o olhar inquieto e revelador das ruínas sombrias do edifício, da fealdade dos muros onde crescem memórias, o movimento dos corpos que se diluem nos corredores das diversas alas do mosteiro, e das muitas histórias que se contam sobre os cantos e recantos interiores e exteriores do espaço. Estas imagens falam das histórias, dos medos e perdas e, essencialmente, da distância que nos apela a eternizar os espaços, os muros, as paredes, os corredores, as celas, as janelas gradeadas e o belo elefante branco do brasão do lugar.

Falam, ainda, sobre o imaginário que afaga, a contragosto, a tradição e o respeito pelas madeiras envelhecidas da sala contígua à cozinha, a maciez dos usos, e se demora sob as paredes de edifícios moribundos impregnados de velhas glórias – esses pequenos nada que nos apaziguam e que Sérgio Rolando não negligenciou, atribuindo a cada facto, a cada gesto, a cada traço, a cada parte da parede lascada o seu lugar. Sérgio Rolando soube descobrir estes pequenos detalhes de um edifício que subsiste aos anos de abandono.

Ângela Ferreira, entre memórias fotográficas apropriadas através da colagem percebemos a essência da fotografia. Esta fotógrafa procura novas narrativas seguindo uma observação atenta e conhecedora do ato fotográfico recorrendo aos registos anónimos e usando as vantagens estéticas da imagem. Nas suas imagens, podemos conhecer o Mosteiro de Santa Clara com um outro olhar, talvez mais intimista, mais cúmplice e de um romantismo supervalorizado que nos parecia impossível captar. A fotografia pode permitir esta riqueza de interpretações e fertilizar novas formas de ver um lugar tornando as leituras e a construção de memórias metafóricas através da junção, da colagem e da cor.

Cesário Alves, transforma olhares num dispositivo encenado, aproximando a fotografia da representação teatral mais contemporânea, recorrendo a uma parte performativa evocativa de um tempo e um lugar. O fotógrafo torna fundamental captar os rostos, dentro da impressão dos vestígios identitários do lugar, como se de um só rosto e lugar se tratasse. Olhares mais ou menos tristes ou alegres, mas muito cientes do seu papel no ato de se deixar representar pelo fotógrafo. Esta dualidade entre fotógrafo e fotografado onde é difícil delinear fronteiras, em que cada imagem é uma síntese de sentimentos sobre uma história pessoal, refletem enquadramentos suspensos que aguardam pelo desenvolvimento da história de vida de cada um. A fotografia contribui para este suspense de forma clara. O fotógrafo explora a identidade de grupo que tende a deixar o caminho aberto para a identidade individual. A fotografia viu e vê a identidade como algo que é fragmentado e dinâmico, mais do que estático. Os registos individuais a preto e branco dos rostos dos rapazes que habitavam o Mosteiro de Santa Clara, em 1993, são olhares que procuram

individualmente deixar a singularidade de cada personalidade, seguindo o roteiro do pós-modernismo, no qual não é a semelhança que determina a identidade, mas a diferença, na construção de interpretações das muitas histórias sobre um lugar habitado por rapazes sem lar cuja perspectiva futura podia ser incerta numa sociedade fragmentada.

Joaquim Garrido permite ligar o seu trabalho à ideia da descoberta da fotografia no século XIX quando se igualava as primeiras imagens através de registos de janelas como observamos em Nicéphore Niepce, em Louis Daguerre, ou em William Fox Talbot. A fotografia representava uma nova abertura de *uma janela para o mundo* artístico e novo comparando com as outras artes como, por exemplo, a pintura. Aqui, em Joaquim Garrido, a janela transporta-nos igualmente para a importância destas aberturas do edifício para o exterior, dá-nos uma visão de futuro, explora a grandiosidade do lugar, compara a escala humana e o desenho das janelas que acompanham de forma permanente os passos nos longos corredores do Mosteiro de Santa Clara. A visão é ampla, quer para o interior quer para o exterior, através das janelas que permitem a luz entrar no edifício.

Joaquim Gomes compara os espaços, as simetrias e a luz dos espaços em recuperação. O fotógrafo centra-se num alinhamento de traços preenchidos pela incidência mais ou menos intensa da luz do exterior no interior do edifício. Uma visão otimista sobre a recuperação do lugar, numa procura incansável sobre o ponto mais favorável a um bom registo fotográfico. Explora a melhor composição e divaga ao longo dos corredores, das salas, das celas, do telhado e de uma oficina dos trabalhos de recuperação do telhado do Mosteiro de Santa Clara. Centra-se na valorização da recuperação possível e na eternização sem decisões de fundo.

João Leal, elimina da paisagem o edifício do Mosteiro de Santa Clara num ato puro de revolta à inércia que acompanha a recuperação do nosso património. O fotógrafo desafia as histórias mal contadas, os medos e as perdas que deixam crescer a distância entre o presente e o passado de um lugar. Que reação teríamos todos se ao olharmos do lado da Azurara para a cidade de Vila do Conde e deixássemos de poder contemplar um lugar que durante longos anos foi liderado por tão diferentes portadores de histórias. O fotógrafo usa a tecnologia digital da fotografia para nos chamar a atenção sobre futuros incertos através de intervenção artística.

João Leal investiga o desenvolvimento da história do Mosteiro de Santa Clara, de forma a influenciar as opiniões sobre o lugar, através das suas imagens. Aqui, a intenção é crucial e requer uma reflexão importante no papel da fotografia na cultura, particularmente, na cultura visual e no modo como as pessoas compreendem o *medium* fotográfico na contemporaneidade. Os fotógrafos escolhem os métodos e as técnicas para atingirem os seus objetivos e são influenciados pelo seu *background* e forma como veem o mundo. A intenção sobre o que é fotografado resulta do processo de interatividade entre a pessoa e a coisa observada, assim como a referência e o contexto em que se insere o próprio observador.

A fotografia acrescenta uma dimensão extra, auto consciente da verdadeira intervenção e experiência do lugar, partindo da imagem José Pedro Martins, através de duplas imagens recuperamos memórias passadas e um presente já passado que é uma das características da fotografia. Assim se referia Roland Barthes quando descreve na sua obra *Câmara Clara* que, por um lado, a fotografia tem sempre um referente presente, diferentemente da pintura, que é a forma de a aproximar inequivocamente do real e,

por outro lado, a colagem da fotografia a um passado, mesmo quando nos referimos a um registo fotográfico do agora que designa isto foi.

Esta dualidade observacional entre o que foi registado no passado e que a memória fotográfica não deixa apagar e o desafio de criar novas memórias fotográficas, no presente já passado, mostram aspetos fascinantes da fotografia documentalista da paisagem mais urbana, rural ou piscatória da cidade do Mosteiro de Santa Clara. O trabalho, apresentado por José Pedro Martins, flui sobre um documental fotográfico que evidência o visual, como documento, como testemunha sobre o quê e onde alguma coisa teve lugar.

Esta descrição coloca e promove as formas de representação e as qualidades de reflexão sobre o real fotográfico. Curiosamente, através desta forma de observação atenta sobre as mudanças da paisagem comprova-se a relevância da fotografia documental. O lastro que acompanha a fotografia documental até à realidade coloca-a, por vezes, em dúvida sobre esta autonomia reflexiva da mesma, mas aqui comprova-se que, apesar do lado fidedigno da representação da realidade, a fotografia nos leva a mais uma observação interpretativa da evolução paisagística da cidade centrando-se no Mosteiro.

Em suma, 700x7 pretende lançar de forma abrangente, reunindo fotógrafos amadores e profissionais, a importância interpretativa da grandeza estética e documental da fotografia e a sua dimensão artística, reconhecida como um dos universos criativos mais decisivos da nossa contemporaneidade.

A capacidade que a fotografia tem na criação de passados, desperta as possibilidades infinitas do nosso imaginário, criando uma sucessão temporal entre o passado, o presente e o futuro. Através

das imagens de 700x7, este movimento temporal e sucessivo tem o poder de afirmar simultaneamente pedaços de memória e de dar estrutura à narrativa fotográfica. A fotografia como preservação de memórias é, contudo, a própria memória. Ao respeitarmos este princípio, a fotografia configura o presente inesquecível e permite apropriar o real. 700x7 permite cada um recompor a sua relação (imaginária) com o espaço fotografado e refazer a ligação perdida, pela nostalgia deste espaço com a história da cidade de Vila do Conde. A memória é imprescindível para a reconstituição do passado e é um recurso fundamental para a compreensão da identidade e da história. A fotografia enquanto objeto de memória desdobra o acontecimento retratado, há como que um fluxo permanente entre o passado e o presente, na qual a fotografia nos aproxima, nos revela. O que a imagem comunica é parte de um conjunto de signos que precisam ser analisados e interpretados criticamente para a reconstrução dessa memória, e não se pode avaliar a importância da imagem se o indivíduo não a compreende no seu contexto histórico.

A Escola Superior de Media Artes e Design através da Unidade de Investigação em Media Artes e Design (uniMAD) deve também reforçar atividades e projetos de investigação e desenvolvimento (I&D) baseados na experiência (*practice based research*) em articulação com o tecido social ou artístico, tendo um corpo de trabalho prático consistente e relevante e que os investigadores procurem novos caminhos, através da promoção de publicações, portfolios, textos, que contribuam para o bom relacionamento entre a investigação e o meio envolvente, deixando de lado procedimentos ambíguos que dificultam o desenvolvimento da produção artística nas suas diversas vertentes contemporâneas, procurando

métodos e critérios mais direcionados para a pesquisa prática e abrangente à região.

A fotografia na contemporaneidade estabelece um diálogo fundamental para esta transformação mais dinâmica na leitura e interpretação dos arquivos fotográficos ou da produção de novas imagens recorrendo à construção da memória e da metáfora através da imagem fotográfica. Assim como, outros meios o cinema, o vídeo e outras plataformas digitais. A ideia de que a imagem pode funcionar como uma interface, uma fronteira que permite trocas e transversalidades múltiplas entre as imagens e as diferentes linguagens, é bastante interessante para pensar o modo como os arquivos não são apenas armazéns da memória, mas documentos com vida, que ultrapassam os próprios limites documentais, para serem absorvidos por diversos artistas e pelas instituições culturais e pela comunidade em geral. Como afirmara Bernardo Pinto de Almeida em *Imagem da Fotografia* (1995, p. 33), «a história da fotografia passaria sempre por ser uma história dos modos de arquivar.»

Olívia Marques da Silva

Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto